



NARRATIVAS DE MULHERES E CIÊNCIA: UM PROTAGONISMO PLURAL EM CONSTRUÇÃO

NARRATIVAS DE MUJERES Y CIENCIA: UN PROTAGONISMO PLURAL EN CONSTRUCCIÓN

NARRATIVES OF WOMEN AND SCIENCE: A PLURAL PROTAGONISM UNDER CONSTRUCTION

Giovana Fagundes LUCZINSKI¹
Camila Peixoto FARIAS²

RESUMO

A pandemia de covid-19 evidencia muitos desafios, entre eles o de sustentar e fortalecer, no âmbito científico, a possibilidade de construção de saberes a partir de uma perspectiva situada e comprometida socialmente. O contexto pandêmico não pode ser narrado a partir de uma perspectiva generalista, sob o risco de silenciar a pluralidade de vozes que o constituem. Tendo este parâmetro para nosso fazer na universidade, o presente texto visa discutir a prática de pesquisa feita por e com mulheres, problematizando os lugares destinados a elas/nós segundo a lógica dos regimes de poder como o cisheteropatriarcado e o racismo. Para isso, partimos de um breve recorte histórico a fim de marcar um lugar epistemológico no âmbito científico e explicitar, a partir daí um modo de pesquisar situado e comprometido com a transformação da sociedade em que

¹ Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, giovana.luczinski@gmail.com

² Doutora em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, pfcamila@hotmail.com

vivemos. Nesse sentido, apresentamos as ações do projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de Covid 19 contada por mulheres”, sob nossa coordenação. O projeto está alicerçado no diálogo entre duas perspectivas teóricas distintas, a Psicanálise e a Psicologia Fenomenológico-existencial em leituras críticas e contemporâneas que se desafiam e se complementam ao interrogar um fenômeno de interesse em comum. Um terceiro âmbito de saberes vem compor essa triangulação teórico-metodológica: as Teorias Feministas. A investigação empreendida busca que as narrativas das mulheres sejam incluídas nas discussões sobre a pandemia a partir de uma perspectiva interseccional e que as produções científicas sobre esse fenômeno possam ser corporificadas, plurais e situadas, como procuraremos mostrar a partir de alguns recortes de dados já analisados. Por fim, destacamos a importância de que as mulheres protagonizem a produção de conhecimento sobre si mesmas e que as análises científicas sejam efetivamente interseccionais.

Palavras-chave: Psicologia; Gênero; Pesquisa

RESUMEN

La pandemia del covid-19 pone de relieve muchos desafíos, incluido el de sostener y fortalecer, en el ámbito científico, la posibilidad de construir conocimiento desde una perspectiva socialmente situada y comprometida socialmente. El contexto de la pandemia no se puede narrar desde una perspectiva general, a riesgo de silenciar la pluralidad de voces, incluidas las de las mujeres. Teniendo este parámetro para nuestro trabajo en la universidad, este texto tiene como objetivo discutir la práctica investigadora que realizan y con las mujeres, problematizando los lugares destinados a ellas / nosotras según la lógica de los regímenes de poder como el cisheteropatriarcado y el racismo. Para ello partimos de un breve esbozo histórico con el fin de marcar un lugar epistemológico en el ámbito científico y explicar,

a partir de ahí, una forma de investigación situada y comprometida con la transformación de la sociedad en la que vivimos. En este sentido, presentamos las acciones del proyecto de investigación “Agora que são elas: a pandemia de Covid 19 contada por mulheres”, bajo nuestra coordinación. El proyecto parte del diálogo entre dos perspectivas teóricas distintas, el Psicoanálisis y la Psicología Fenomenológico-Existencial en lecturas críticas y contemporáneas que se desafían y complementan al interrogar un fenómeno de interés común. Una tercera área de conocimiento viene a componer esta triangulación teórico-metodológica: las Teorías Feministas. La investigación emprendida busca incluir las narrativas de las mujeres en las discusiones sobre la pandemia desde una perspectiva interseccional y que las producciones científicas sobre este fenómeno puedan ser encarnadas, plurales y situadas, como intentaremos mostrar a partir de algunos extractos de datos ya analizados. Finalmente, destacamos la importancia de que las mujeres tengan un rol protagónico en la producción de conocimiento sobre sí mismas y que los análisis científicos sean efectivamente interseccionales

Palabras clave: Psicología; Género; Investigación.

ABSTRACT

The covid-19 pandemic points many challenges, including that of sustaining and strengthening, in the scientific sphere, the possibility of building knowledge from a socially situated and socially committed perspective. The pandemic context cannot be narrated from a general perspective, at the risk of silencing the plurality of voices, including those of women. Having this parameter for our work at the university, this text aims to discuss the research practice carried out by and with women, problematizing the places destined for them/us according to the logic of power regimes such as cisheteropatriarchy and racism. For this, we start from a brief historical outline to mark an

epistemological place in the scientific sphere and explain, from there, a way of researching situated and committed to the transformation of the society in which we live. In this sense, we present the actions of the research project “Agora que são elas: a pandemia de Covid 19 contada por mulheres”, under our coordination. The project is based on the dialogue between two distinct theoretical perspectives, Psychoanalysis and Phenomenological-Existential Psychology in critical and contemporary readings that challenge and complement each other when interrogating a phenomenon of common interest. A third area of knowledge comes to compose this theoretical-methodological triangulation: Feminist Theories. The investigation undertaken seeks to include women's narratives in discussions about the pandemic from an intersectional perspective and that scientific productions on this phenomenon can be embodied, plural and situated, as we will try to show from some excerpts of data already analyzed. Finally, we evidence the importance of women playing a leading role in the production of knowledge about themselves and that scientific analyzes are effectively intersectional.

Keywords: Psychology; Gender; Research.

1. Introdução

Em março de 2020, diante da constatação da pandemia de Covid-19, as atividades foram suspensas em todas as instituições de ensino do país. Iniciou-se um período de limbo e de perplexidades, seguido de frustrações que atingiram de diferentes formas a comunidade acadêmica. Nesse momento, entre os grupos de docentes e discentes que puderam usufruir do privilégio protetivo da situação de isolamento social, a temporalidade começou a se modificar e novas percepções pediram passagem: quais as repercussões das novas condições de vida e trabalho para as mulheres? O que nos acontecia, enquanto professoras? Para delinear essa situação, iniciamos entre nós uma troca diária de mensagens e afetos: eram textos, áudios, cartas virtuais escritas ou narradas, cada vez mais longas e vivas, desdobrando também em imagens, pinturas e registros cotidianos.

Essa interlocução no âmbito pessoal tornou-se um espaço seguro e acolhedor para a construção de muitos questionamentos na esfera profissional, principalmente voltados para a pluralidade de experiências que compunham o momento pandêmico que estávamos/estamos vivendo. Fomos percebendo quão imprescindível era analisar tal cenário e as suas reverberações sob a perspectiva de gênero, visto que as mulheres pertencem a um grupo social marcado por violências e opressões múltiplas, que estava sofrendo impactos diferenciados³. Salientamos que a categoria “mulheres”, a qual nos referimos, não está posta aqui como grupo homogêneo, mas atravessado de forma interseccional por diversos aspectos como raça, classe, orientação sexual, cis-trans-identidades, dentre outros. A ideia de uma identidade única imposta pelo patriarcado precisa ser desconstruída, uma vez que a experiência de ser mulher se constrói de forma social e historicamente situada, sendo fundamental que possamos questionar a pretensão de constituição de uma unidade a partir do termo mulher⁴.

Narrar as histórias vividas nesse período desafiador mostrou-se como uma das ações necessárias para registro e para a compreensão dessa situação inédita, de forma a planejar e conduzir ações de enfrentamento alicerçadas na pluralidade de experiências, sofrimentos e precarização da vida⁵. Tendo essa premissa como guia, o presente texto visa discutir práticas de pesquisa feitas por e com mulheres, problematizando os lugares destinados a elas/nós segundo a lógica dos regimes de poder, marcando um lugar epistemológico no âmbito científico e explicitando, a partir daí um modo de pesquisar situado e comprometido com a transformação da sociedade em que vivemos. Nesse sentido, queremos problematizar o lugar destinado às narrativas das mulheres a partir da apresentação do projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de Covid 19 contada por mulheres”, sob nossa coordenação. O projeto surge do desejo de que a pluralidade de narrativas das mulheres seja incluída nas discussões sobre a pandemia a partir de uma perspectiva interseccional e que as produções científicas sobre esse fenômeno possam ser plurais. Para ressaltar tal pluralidade, a pesquisa conduzida se constitui a partir do

³ ONU Mulheres. Covid-19: Mulheres à frente e no centro. *ONU Mulheres Brasil*, [S. l.], mar. 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/Covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁴ COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 19, p. 59-90, 2002.

⁵ SÁ, Marilene de Castilho.; MIRANDA, Lilian; CANAVÊZ, Fernanda. Pandemia covid-19: catástrofe sanitária e psicossocial. *Caderno de Administração*, [S. l.], v. 28, p. 27-36, jun. 2020.

diálogo entre duas perspectivas teóricas distintas, a Psicanálise e a Psicologia Fenomenológico-existencial. São duas abordagens de cunho hermenêutico, em versões/leituras críticas e contemporâneas que se desafiam e se complementam ao interrogar um fenômeno de interesse em comum: as vivências situadas de mulheres durante a pandemia. Um terceiro âmbito de saberes vem compor essa triangulação teórico-metodológica: as Teorias Feministas. Partindo de diferentes áreas, dialogamos com autoras que trazem aportes e dimensões fundamentais para a análise dos dados coletados ao longo da pesquisa.

Sabemos da desvantagem histórica das mulheres no âmbito da ciência. Ainda hoje, quando conseguem ingressar no ambiente universitário, se deparam com inúmeros desafios que advêm de um contexto construído e pensado a partir de uma lógica excludente, alinhada ao modelo colonial moderno: patriarcal, racista, branco e cishetero centrado. Buscando algumas pistas para pensar tal construção discursiva, primeiramente, traremos um breve recorte histórico que apresenta uma narrativa sobre o feminino articulado ao âmbito científico que repercute ainda hoje no imaginário social. Depois, apresentaremos a metodologia de pesquisa utilizada no projeto e algumas armadilhas a serem evitadas para que não se incorra em estereótipos ou análises generalistas, as quais, no limite, são reprodutoras de violências naturalizadas. Por fim, apresentamos alguns resultados encontrados a partir de recortes investigados segundo o método proposto, evidenciando a necessidade de que as mulheres protagonizem a produção de conhecimento sobre si mesmas e que as análises sejam efetivamente interseccionais.

2. Mulheres objetificadas pela ciência

A desigualdade e a hierarquia de gênero são cultural e historicamente construídas, cabendo a nós identificá-las e desconstruí-las, cotidianamente, em nossos contextos. Para que essa desconstrução seja possível, primeiramente, precisamos compreender como essa lógica se constituiu e como sua manutenção tem sido garantida. Inúmeros trabalhos, nos mais diferentes campos do saber, se debruçam sobre o processo histórico da perpetuação da opressão das mulheres e do silenciamento das suas narrativas. A História – com H maiúsculo – foi pensada e escrita por homens, tidos como os detentores naturais da racionalidade e da capacidade de produzir conhecimento sobre todos os seres vivos. A mulher seria sempre o Outro,

inferiorizado e objetificado, como alerta Simone de Beauvoir⁶ ao fazer uma fenomenologia daquele considerado “o segundo sexo”. A partir das teorizações iniciadas no âmbito do feminismo, inúmeras produções denunciam este viés – e a quem ele interessa – descortinando a lógica do patriarcado e das opressões a ele articuladas. A historiadora Joan Scott⁷ faz um levantamento, indagando a manutenção desse lugar subalternizado, nos instigando a tomar gênero como uma categoria de análise. Contemporaneamente, a obra de Silvia Federici⁸ articula o processo de subalternização da mulher a momentos históricos cruciais para a exacerbação da lógica predadora do capitalismo, evidenciando um rastro de violência. Este sistema econômico consolidou um lugar de precariedade, dependência e submissão para as mulheres, que se perpetuou com diferentes roupagens ao longo dos séculos. Além disso, o racismo estrutural e o colonialismo escancaram outras formas de opressão e produção de sofrimento, que precisam ser pensadas em intersecção com as questões de gênero e classe. Um dos pontos que tem sido discutido por diferentes teorias feministas é a utilização da diferença sexual/anatômica como justificativa para marcações e para a perpetuação de regimes de poder. Podemos fazer um giro temporal e identificar registros dessa discussão desde a Antiguidade Grega – marco espaço-temporal que forja os pilares do pensamento ocidental hegemônico, cujas repercussões chegam à Modernidade e participam da construção de um campo de saberes que, posteriormente, contribuem para a construção da Psicologia e da Psicanálise⁹. Segundo Martins¹⁰, as mulheres (e aqui cabe destacar que se tratavam de mulheres cis e brancas) e a sua sexualidade foram objeto de uma vasta produção discursiva notadamente entre os séculos XVIII e XIX. Isso, segundo a autora, revela

⁶ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo* - 1. Fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-82.

⁸ FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

⁹ BIRMAN, Joel. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 163-180, jun. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302006000100005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 23 out. 2021.

¹⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jnzhd>. Acesso em: 23 out. 2021.

a preocupação dos cientistas e dos homens cultos da época em entender a suposta “natureza da mulher”, como forma de incrementar e consolidar suas determinações acerca dos lugares e papéis que lhe caberiam. É preciso enfatizar que o alvo das discussões acima eram mulheres brancas, pois as mulheres negras eram desconsideradas em função da desumanização provocada pelo racismo, como afirmam Fanon¹¹ e Kilomba¹², fenômeno que se perpetua atualmente. Martins¹³ alerta que, embora o interesse pelas mulheres e sua diferença sexual crescesse e chamasse a atenção dos homens letrados em geral, os médicos desempenharam um papel de destaque nessa reflexão. Na época, inúmeras publicações médicas sobre o corpo procuravam explicar a singularidade de sua anatomia e fisiologia indicando que a conformação anatomofisiológica do corpo feminino destinava as mulheres para a maternidade, pois teriam um menor desenvolvimento das faculdades intelectuais¹⁴. O homem e a mulher teriam naturezas biológicas diferentes, das quais derivariam qualidades morais também diversas, sendo as características do homem superiores às da mulher em ambos os sentidos, o que justificaria uma hierarquia de gênero. Isso reflete nitidamente o movimento de naturalização da diferença sexual, o que significava a legitimação de uma ideologia social (que nos acompanha até hoje). Para os cientistas dessa época, em sua esmagadora maioria homens brancos, dentre os quais se destaca Pierre Roussel e o seu famoso tratado *Du Système Physique et Moral de la Femme*, publicado em 1775, no qual a mulher branca tinha um papel social e uma função moral bem definidos devido à organização de sua natureza. São produções que evidenciam como a naturalização de sistemas normativos de sexo-gênero foram historicamente construídos, colocando em evidência o caráter histórico do pensamento misógino e patriarcal. Nesse contexto de estudo e produção de conhecimentos sobre os corpos de mulheres brancas, os quadros de histeria ganharam destaque, principalmente com os trabalhos de Jean-Martin Charcot voltados para a observação e descrição dessa condição que intrigava os médicos da

¹¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.

¹² KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

¹³ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jnzhd>. Acesso em: 23 out. 2021.

¹⁴ BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

época. Segundo Didi-Hubermann¹⁵, Charcot ocupa uma posição emblemática na história da medicina enquanto anatomista, neurologista, clínico e diretor do La Salpêtrière. As pacientes internadas no hospital psiquiátrico eram hipnotizadas, observadas, fotografadas, classificadas e catalogadas clinicamente, ou seja, tornavam-se objetos através dos quais as crises histéricas poderiam ser descritas a toda comunidade médica e científica da época¹⁶.

Além dos registros escritos, Charcot criou uma narrativa visível através da fotografia da doença. As pacientes eram fotografadas durante as sessões de hipnose e quando os sintomas histéricos não se manifestavam, ele os induzia para que pudessem ser registrados. O registro de tais imagens era a materialização de uma narrativa que garantiria a legitimidade da condição histérica e a produção de um discurso científico articulado à submissão e ao domínio exercido sobre essas mulheres internadas no La Salpêtrière¹⁷. Diante do sofrimento das histéricas, o caminho trilhado por Charcot foi alinhado à lógica sociocultural da época: construir um saber sobre um grupo de mulheres e seu sofrimento a partir de sua dessubjetivação, de seu silenciamento e do domínio exercido sobre elas. Charcot repete nitidamente, no âmbito de seus estudos e do tratamento dado às pacientes, a violência que essas mulheres estavam submetidas no âmbito social (e que tinha íntima relação com seu sofrimento). Encontramos, assim, nesse modo de tratamento das histéricas, um exemplo de como a ciência pode reproduzir e validar a lógica sociocultural de violência contra diferentes grupos de pessoas. Sigmund Freud rompe com a lógica de tratamento proposta por Charcot ao abandonar a hipnose e criar um espaço no qual a voz das histéricas era ouvida, quando passa a escutar seu sofrimento. Porém, vemos ali uma ruptura parcial com a lógica de violência contra as mulheres, pois ainda se tratava de um homem branco de classe economicamente favorecida produzindo conhecimento sobre mulheres brancas também de classes favorecidas e reproduzindo um lugar de poder. A partir dessa escuta, Freud (1905/2006) começa a construir seu arcabouço teórico, construindo a psicanálise, trazendo uma concepção de sexualidade que pode ser considerada uma revolução na forma de conceber a sexualidade humana. Ela indica a contingência do objeto sexual, e assim a sua completa independência do corpo

¹⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Invenção da Histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*.

anatômico, sua escolha estando alicerçada na história afetiva da pessoa. No entanto, como nos alerta Miller¹⁸, a teoria freudiana acaba recuando em exacerbar as repercussões de suas descobertas, generalizando as narrativas das histéricas no sentido de compreender os sofrimentos como ligados exclusivamente a aspectos subjetivos e não a fatores sociais e concretos da sociedade em questão, especialmente ligados à reprodução de regimes de poder como o patriarcado, o racismo e o classismo. Embora a teoria freudiana tenha contribuído para a desnaturalização das discussões de gênero, Butler¹⁹ destaca que ela apresentou grandes limites, especialmente no que se refere a trabalhar exclusivamente com uma concepção generalista e binária (identificações que conduzem apenas ao masculino ou ao feminino), o que acaba por restringir as ricas possibilidades abertas pela teoria da sexualidade. Quando Freud deu centralidade à questão fálica da castração e da inveja do pênis para pensar a dinâmica psíquica das mulheres de forma generalista, tornou a Psicanálise aliada de uma lógica social patriarcal, racista e misógina. Além disso, foram negligenciados os atravessamentos socioculturais implicados no sofrimento das histéricas²⁰.

Segundo Kemper²¹, um dos recursos mais potentes para a manutenção da invisibilidade e da opressão é o silenciamento. Tendo isso em vista, um caminho fundamental para desconstrução da lógica patriarcal, racista e misógina é a escuta das narrativas produzidas pelas mulheres: narrativas sobre suas realidades, suas vivências, seus afetos, seus sofrimentos, seus modos de resistência, especialmente em um momento de aprofundamento das vulnerabilidades e de intensa precarização da vida. As reflexões apresentadas nesse breve recorte histórico nos alertam para as pontes teóricas e o preparo metodológico que precisamos para evitar armadilhas

¹⁸ MILLER, Alice. *Não perceberás: variações sobre o tema do paraíso*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

¹⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁰ CAFFÉ, Mara. Norma e subversão na psicanálise: reflexões sobre o Édipo. *Percurso*, São Paulo, v. 60, p. 109-109, 2018. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=1298&ori=edicao&id_edicao=60. Acesso em: 23 out. 2021.

²¹ KEMPER, Maria Lenz Cesar Invisibilidade, identidade e laço social na contemporaneidade: sobre a exclusão nas esferas psíquica e social. *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 105-125, dez. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 out. 2021.

discursivas, bem como práticas que reduzem e capturam a complexa e plural realidade das mulheres.

3. Metodologia da pesquisa “Agora é que são elas”

A investigação que estamos conduzindo se ancora em uma prática contra-hegemônica, que valoriza a interdisciplinaridade, visando a construir pontes entre a pluralidade de experiências vividas por mulheres na pandemia e a elaboração de relatos científicos a respeito dessas experiências. Esta pesquisa está alicerçada nas profissionais que somos, situadas histórica, social e geograficamente, partindo de um conhecimento corporificado e tendo como objetivo principal conhecer a realidade de outras mulheres.

O desafio de ir a campo e fomentar a produção de relatos na situação de isolamento social do início do período pandêmico, nos levou a construir um instrumento que pudesse trazer dados objetivos, mas que convidasse, também, ao compartilhamento de vivências. As questões elaboradas, o layout do questionário e a imagem de capa foram escolhidas de forma cuidadosa, buscando que as respondentes se sentissem acolhidas e que fizesse sentido falar de si, mesmo através de um instrumento virtual, a princípio tão impessoal.

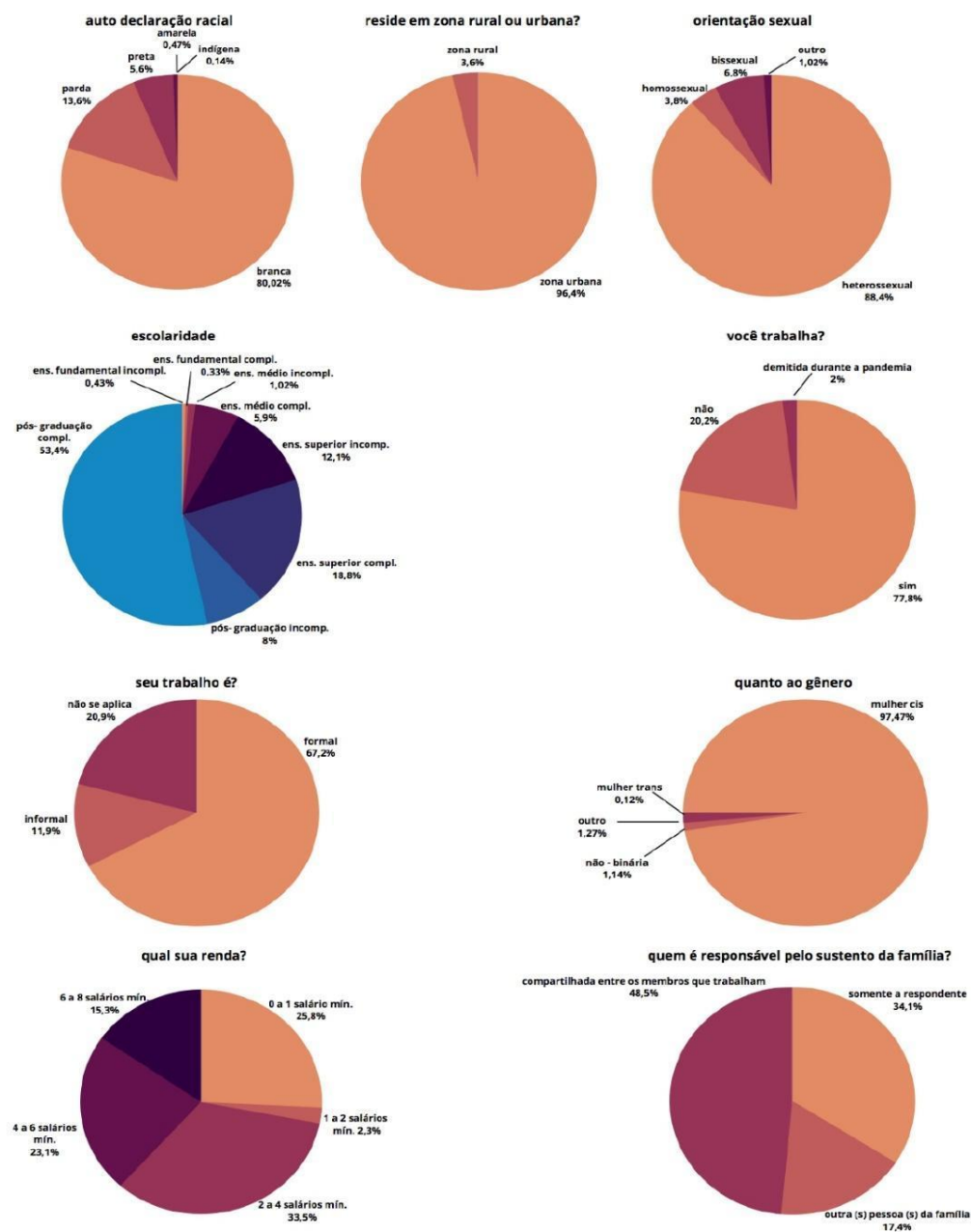
A coleta de dados foi realizada através de um questionário online dirigido a mulheres brasileiras residentes no Brasil e no exterior, acessadas de forma aleatória através da divulgação do instrumento pelos grupos de pesquisa participantes. A divulgação utilizou recursos como *WhatsApp*, *e-mail*, *Facebook* etc. O questionário contava com perguntas objetivas e reflexivas, de forma a conhecer marcadores sociais (raça, orientação sexual, maternidade, renda, empregabilidade, entre outros aspectos), além de criar um espaço para a construção de narrativas acerca das diferentes realidades vivenciadas naquele momento de pandemia. Citamos alguns exemplos das questões reflexivas: Relate as principais transformações que a pandemia de covid-19 causou na sua vida? Quais estão sendo seus maiores desafios frente a pandemia de Covid-19?; Você tem conseguido cuidar de si mesma? Se sim, como? Se não, por quê? Relate uma história, um fato ou cena da sua vida que tenha ocorrido durante a pandemia de covid-19.

O questionário foi divulgado no dia 24 de maio de 2020, permanecendo no ar até 7 de junho de 2020. Recebemos quase seis mil respostas nesse curto espaço de tempo. Por meio do instrumento em questão, cada participante foi convidada (através de

orientação escrita) a construir narrativas sobre suas vivências durante a pandemia de COVID-19 por meio da associação livre. A técnica da associação livre consiste na estratégia psicanalítica de convidar a pessoa a falar o mais espontânea e livremente o que lhe vier à cabeça. Compreende-se que quando a pessoa não se sente pressionada é favorecida uma comunicação sobre si mesma ou sobre um determinado assunto²². Isso resultou na construção de narrativas significativas, que nos permitiram conhecer as repercussões subjetivas de suas vivências durante o recorte de tempo estabelecido. Cabe destacar que o instrumento de coleta de dados foi divulgado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino à qual a pesquisa está vinculada (CAAE: 31203220.3.0000.5317). O processo de análise iniciou com a quantificação dos dados gerais, os principais expostos a seguir:

Imagem 1 – Compilação de dados do formulário em gráficos

²² LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



Fonte: Autoras, 2022.

Em seguida, a organização e a descrição dos fenômenos encontrados configuraram recortes ancorados na experiência de encontro com os dados nos grupos de pesquisa participantes: Pulsional (UFPEL), Epoché (UFPEL) e marginália (UFRJ), devido à grande quantidade de respostas e temáticas que se revelaram, levando em conta os afetos e questionamentos despertados nas pesquisadoras. Seguindo a convocação

de Haraway²³, para compreendermos quem forjou nossa forma de enxergar o mundo, situamos nossas construções teórico-metodológicas, localizando saberes e reconhecendo a parcialidade inerente a qualquer construção científica. Portanto, não trabalhamos a partir de uma suposta neutralidade, mas a partir de uma epistemologia situada histórica, social, geográfica e subjetivamente²⁴. Trabalhamos em uma perspectiva parcial e não universalizante, pautada no diálogo entre as abordagens psicanalítica e fenomenológico-existencial – propostas que não têm como objetivo alcançar respostas universais ou replicáveis²⁵.

Para tanto, alguns passos metodológicos foram necessários, sendo o primeiro deles a explicitação do nosso lugar epistemológico e vivencial, enquanto pesquisadoras, para sair do que Husserl²⁶ denomina “atitude natural” e adentrar uma postura investigativa. Então, analisamos o material constituído pelas narrativas selecionadas a partir dos recortes, deixando-nos impressionar pela intensidade de uma expressão, palavra ou ausência de expressão que nos despertava a atenção, seguindo um percurso qualitativo, ao invés da quantidade de vezes em que um tema qualquer foi mencionado pelas participantes. Ao situar nossa implicação, desdobramentos subjetivos e sócio-históricos, promovemos um “distanciamento reflexivo”, de modo a analisar o contexto, o material disponível e organizá-lo de forma a revelar os sentidos possíveis – encontrando eixos, ou unidades de significado²⁷. O passo seguinte consistiu em construir categorias que evidenciassem o vivido, trazendo-o para o campo do diálogo teórico, possibilitando, então, uma interpretação (dentre outras possíveis) a partir do contexto em que as participantes e pesquisadoras estavam

²³ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

²⁴ ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 129–143, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6082>. Acesso em: 18 maio. 2022.

²⁵ FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *J. de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 ago. 2020.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

²⁶ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2012.

²⁷ FORGHIERI, Yolanda Cintrao. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

inseridas.

4. Resultados e Discussão

Situar métodos e teorias a partir da complexidade dos contextos, implica em uma mudança fundamental de paradigma: da universalidade para os universos de cada evento pesquisado²⁸. Essa mudança tem um caráter ético: quando nós, pesquisadoras e pesquisadores, não atentamos para nossa parcialidade, para nossa localização histórica, social e subjetiva, esses aspectos agem de forma involuntária, sem nenhum questionamento, conferindo, inclusive, status de ciência a lógicas de violência e subalternização. Todas as pesquisas produzem saberes parciais, localizados, embora muitas tomem o seu lugar de fala como universal e neutro²⁹. Tais questões foram visibilizadas principalmente pelo feminismo negro, que apontou para as relações entre produção de conhecimento e práticas de poder, descortinando as intersecções entre classe, gênero e raça³⁰. Kilomba, anteriormente citada, denunciou a desqualificação e o questionamento da narrativa produzida durante seu doutoramento, mostrando de forma contundente que a construção de uma ciência diferente da hegemônica continua sendo questionada e desqualificada na tentativa de silenciá-la, seja de forma velada ou explícita. Temos consciência de que rompemos com um lugar hegemônico em vários âmbitos, mas que também o reproduzimos em maior ou menor grau, como, por exemplo, no que se refere ao lugar da branquitude. Nós, cientistas, não estamos imunes a reprodução da lógica racista, patriarcal e misógina, uma vez que estamos inseridas em uma sociedade que se constitui a partir delas. Nesse sentido, promover análises de dados pautadas pela interseccionalidade é um caminho possível para as desconstruções necessárias - um processo que deve se dar de forma permanente.

²⁸ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação* - episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

²⁹ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

³⁰ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação* - episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

Na pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de Covid contada por mulheres”, buscamos empreender esse movimento através da construção de recortes situados, que evidenciem relações naturalizadas e invisibilizadas. Esse compromisso pode ser exemplificado em trabalhos de conclusão de curso, como o de Affonso³¹, que utilizou os dados da pesquisa em sua investigação intitulada: “Dar conta de tudo: o trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe”. A graduanda, elegeu o recorte das mulheres brancas e negras, heterossexuais, mães, pertencentes a classes menos favorecidas, que continuaram trabalhando durante a pandemia e cuidavam de filhos e de outros familiares. Analisou as respostas à pergunta dissertativa do questionário: “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?”

A investigação empreendeu a análise qualitativa de 584 relatos, levando à construção de categorias compreensivas que se referem ao trabalho doméstico na pandemia e ao cuidado afetivo-emocional como uma dimensão do cuidado em saúde mental, exercido pelas mulheres. Os resultados evidenciam que, ainda que haja algumas aproximações nas experiências narradas entre mulheres negras e brancas, a diferença de contexto marcada historicamente na intersecção de raça, classe e gênero, repercute na forma como as consequências da pandemia são vivenciadas e nos desafios e violências enfrentados. Enquanto as mulheres brancas apontam, em geral, a sobrecarga e a conciliação das jornadas de trabalho como o maior desafio, as mulheres negras expuseram preocupações com o racismo, questões financeiras, dificuldades de acesso à direitos, necessidade de continuar utilizando transporte público e questões pregressas ao estado pandêmico, intensificadas nesse cenário. Assim, a pesquisa reafirma a necessidade de estratégias em saúde mental com foco nos marcadores sociais e suas especificidades, que possibilitem o acolhimento e cuidado das mulheres diante da carga desumana de ter que “dar conta de tudo”, posta em seus ombros pelo patriarcado-racismo-capitalismo³².

³¹ AFFONSO, Luiza Caetano. “*Dar conta de tudo*”: O trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pandemiadecovid19contadapormulheres/produtos/monografias/>. Acesso: 10 maio 2022.

³²AFFONSO, Luiza Caetano. “*Dar conta de tudo*”: O trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em:

Outro recorte de dados comprometido com uma análise situada refere-se ao grupo específico das profissionais de saúde, categoria que tem sido destacada no atual contexto, por constituir a maioria esmagadora (70%) de profissionais na linha de frente do combate ao coronavírus. Nessa fase da pesquisa, foram consideradas as narrativas de 602 respondentes, de diversos estados do Brasil, que responderam afirmativamente à questão: “Você trabalha em serviço de saúde?”. Na análise qualitativa, priorizamos as respostas à seguinte questão do questionário, de caráter aberto: “Nesse momento de pandemia, quais os efeitos na sua vida de ser uma trabalhadora da Saúde?”. A partir da metodologia adotada, foi possível identificar duas categorias, não apenas pela alta ocorrência de narrativas que as sustentavam, mas também pelas ressonâncias que as leituras das respostas produziram em nós: mulheres e professoras de futuras profissionais de saúde. Tais categorias foram intituladas “Equilibristas na corda bamba” e “Na encruzilhada do cuidado”³³.

Na primeira categoria analítica, percebemos nos relatos um movimento semelhante à jornada de uma heroína, na qual o imperativo de dar conta de tudo, entre tarefas pessoais, familiares e sociais, é abraçado como uma missão individual – um discurso que tem no âmbito social seu alicerce fundamental. Não por acaso, os telejornais de todo o mundo usaram a expressão “heróis” para se referir aos profissionais de saúde, reforçando esse imperativo de seguir e salvar, dando a própria vida pelo outro. O curioso é que, em sua maioria, esse grupo é constituído por mulheres, mas o gênero é invisibilizado na mídia em geral. Certamente, isso traz repercussões subjetivas importantes, que se refletem em questões de saúde mental. A segunda categoria analítica, que se refere ao cuidado, está relacionada aos diversos aspectos que se cruzam nas experiências de cuidar das profissionais de saúde nesse momento de pandemia. Entre eles, destacam-se: medo, solidão, cansaço intenso e impossibilidade de cuidar de si e de receber cuidado. Evidenciou-se uma situação de falta de saídas diante da encruzilhada que as experiências e exigências de cuidar passam a representar para essas mulheres. A pandemia parece ter contribuído para uma intensificação exponencial das responsabilidades nesse âmbito, tornando possível

<https://wp.ufpel.edu.br/pandemiadecovid19contadapormulheres/produtos/monografias/>. Acesso: 10 maio 2022.

³³ CANAVÊZ, Fernanda; FARIAS, Camila Peixoto; LUCZINSKI, Giovana Fagundes. A pandemia de Covid-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de saúde? *Revista Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 45, n. especial 1, p. 112-123, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/7QwqQkJfNDPG5HnqS5cxqRK/>. Acesso em: 10 maio 2022.

perceber como as vivências profissionais e pessoais relacionadas ao cuidado estão intimamente articuladas³⁴. O principal limite que a análise dos recortes citados evidenciou foi a exclusão que a utilização de um instrumento eletrônico (que requer recursos tecnológicos para ser respondido) provoca. Tivemos um número maior de participantes com alta escolaridade, residentes na zona urbana, brancas e que fazem parte do mercado formal de trabalho, como pode ser percebido nos gráficos dos dados gerais apresentados anteriormente.

No momento da escrita deste texto (outubro de 2021), os laboratórios Pulsional e Epoché contam com 10 estudantes da graduação do curso de psicologia da UFPEL, que estão procedendo a análises de novos recortes em suas práticas de iniciação científica. Citamos alguns temas: mulheres autônomas, residentes no Brasil, responsáveis pelo sustento da família, que são mães e únicas cuidadoras dos filhos; mulheres residentes no Brasil que foram demitidas durante os meses iniciais da pandemia; mulheres brasileiras residentes na Zona rural. Dentro dos recortes, serão priorizadas questões ligadas aos sentimentos e vivências relatados, dialogando de forma interseccional com os marcadores evidenciados pela análise dos dados objetivos. Outros temas e recortes foram objeto de produções para eventos científicos diversos, desde o início da pandemia. Seu estudo tem sido aprofundado, paralelamente, pelas estudantes integrantes dos grupos de pesquisa em temáticas como: aceleração e corporeidade durante a situação de pandemia; vivências de mulheres lésbicas e bissexuais no contexto familiar em período de isolamento social; processos de escrita e a própria experiência de pesquisar a partir de uma metodologia situada³⁵. Os resultados obtidos até o momento reforçam a relevância e a densidade

³⁴A discussão pormenorizada realizada a partir desse recorte pode ser acessada através do link <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/7QwqQkJfNDPG5HnqS5cxqRK/>.

³⁵ GRIEBLER, Luisa; GAUTÉRIO, Karina Rangel; FARIAS, Camila Peixoto; LUCZINSKI, Giovana Fagundes. Corporeidade e pandemia: que espaço tem o corpo na pesquisa em psicologia? In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 30., 2021, Pelotas, *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2021. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2021/CH_03553.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

SANTOS, Helena Braga dos; MACEDO, Gabrieli Damasceno; LUCZINSKI, Giovana Fagundes; FARIAS, Camila Peixoto. Mulheres e a pandemia: vivências lésbicas e bissexuais no contexto familiar em período de isolamento social. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 7., 2020, Pelotas, *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2020. p. 257-260. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2020/12/Tema-1.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SOARES, Helen Carvalho Gomes; VILLAR, Rafaela Soares; GAUTÉRIO, Karina Rangel; PEREIRA, Mylena Graebner; FARIAS, Camila Peixoto; LUCZINSKI, Giovana Fagundes. Metodologias de pesquisa: uma reflexão a partir da pesquisa agora é que são elas. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 30., 2021, Pelotas, *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2021. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2021/CH_04442.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

do conhecimento produzido a partir das narrativas de mulheres sobre si mesmas e sobre o momento que vivemos, permitindo conhecer as repercussões subjetivas de suas vivências durante o recorte de tempo estabelecido. As investigações conduzidas permitem adensar discussões teóricas situadas sobre as questões de gênero, bem como planejar ações e intervenções no âmbito da saúde mental em diferentes contextos.

5. Considerações Finais

O projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de covid-19 contada por mulheres” nasce da inquietação diante da diversidade de vivências que as mulheres estavam experienciando durante a pandemia e do silenciamento em relação à especificidade dessas questões. Tendo como alicerce os aspectos teóricos e metodológicos apontados – no diálogo entre a Psicanálise, a Fenomenologia e as Teorias Feministas – nossa pesquisa busca construir saberes localizáveis. Trata-se de uma interpretação possível, ancorada tanto nos universos das participantes, quanto nos nossos universos enquanto pesquisadoras, com o rigor da metodologia científica contra-hegemônica que adotamos. Certamente, a presente pesquisa enfrenta limitações características do próprio instrumento, o formulário online, questão compartilhada com aqueles e aquelas que se desafiaram a pesquisar durante os meses iniciais da pandemia. Por isso, as análises precisam ser críticas e situadas, informando sempre o contexto em que as participantes e pesquisadoras estão inseridas, bem como os efeitos e desdobramentos desse encontro³⁶.

Nossa prática de pesquisa se insere, portanto, na luta pela transformação de paradigmas no âmbito científico, na transformação de uma lógica que busca a universalidade para uma lógica que reconhece e constrói narrativas múltiplas. Essa mudança é fundamental para que possamos construir uma ciência plural, resistindo à ideia de que exista uma perspectiva que se aproxime mais de uma suposta verdade do que outras – embora a história evidencie que tal crença imperou e ainda impera no âmbito científico. Além disso, nosso projeto se insere na luta para que nós mulheres possamos ser protagonistas na construção de saberes, para que nossas narrativas

³⁶ FAVERO, Sofia Ricardo. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 15, n. 3, e-3518, 2020. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3518#:~:text=O%20presente%20artigo%20analisa%20como,sobre%20aquilo%20que%20os%20atinge. Acesso em: 10 maio 2022.

deixem de ser silenciadas e invisibilizadas, tanto no âmbito social quanto científico. Escutar as múltiplas narrativas sobre o período pandêmico é uma das ações necessárias para compreender, planejar e conduzir ações de enfrentamento às diversas formas de sofrimento, violência e precarização da vida experienciadas e corporificadas pelas mulheres.

Referências Bibliográficas

AFFONSO, Luiza Caetano. “Dar conta de tudo”: O trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe. 2021. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em:

https://wp.ufpel.edu.br/pandemiadecovid19contadapormulheres/produtos/monografia_s/. Acesso: 10 maio 2022.

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 129–143, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6082>. Acesso em: 18 maio. 2022

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo - 1. Fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BIRMAN, Joel. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 163-180, jun. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302006000100005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 23 out. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAFFÉ, Mara. Norma e subversão na psicanálise: reflexões sobre o Édipo. **Percursos**, São Paulo, v. 60, p. 109-109, 2018. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1298&ori=edicao&d_edicao=60. Acesso em: 23 out. 2021.

CANAVÊZ, Fernanda; FARIAS, Camila Peixoto; LUCZINSKI, Giovana Fagundes. A pandemia de Covid-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de saúde? **Revista Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 45, n. especial 1, p. 112-123, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/7QwqQkJfNDPG5HnqS5cxqRK/>. Acesso em: 10 maio 2022.

COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 19, p. 59-90, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da Histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FAVERO, Sofia Ricardo. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 3, e-3518, 2020. Disponível em:

http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3518#:~:text=O%20pr esente%20artigo%20analisa%20como,sobre%20aquilo%20que%20os%20atinge.

Acesso em: 10 maio 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 ago. 2020.

FORGHIERI, Yolanda Cintrao. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. VII, 2006 (1905).

GRIEBLER, Luisa; GAUTÉRIO, Karina Rangel; LUZ, Roberta; FARIAS, Camila Peixoto; LUCZINSKI, Giovana Fagundes. Corporeidade e pandemia: que espaço tem o corpo na pesquisa em psicologia? In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 30. 2021, Pelotas, **Anais** [...]. Pelotas: UFPel, 2021. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2021/CH_03553.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2012.

KEMPER, Maria Lenz Cesar. Invisibilidade, identidade e laço social na contemporaneidade: sobre a exclusão nas esferas psíquica e social. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 105-125, dez. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 out. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jnzhd>. Acesso em: 23 out. 2021.

MILLER, Alice. **Não perceberás: variações sobre o tema do paraíso**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

ONU Mulheres. **Covid-19: Mulheres à frente e no centro. ONU Mulheres Brasil**, [S. l.], mar. 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/Covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SÁ, Marilene de Castilho.; MIRANDA, Lilian; CANAVÊZ, Fernanda. Pandemia covid-19: catástrofe sanitária e psicossocial. **Caderno de Administração**, [S.l.], v. 28, p. 27-36, jun. 2020.

SANTOS, Helena Braga dos; MACEDO, Gabrieli Damasceno; LUCZINSKI, Giovana Fagundes; FARIAS, Camila Peixoto. Mulheres e a pandemia: vivências lésbicas e bissexuais no contexto familiar em período de isolamento social. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 7, 2020, Pelotas, **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2020. p. 257-260. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2020/12/Tema-1.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SOARES, Helen Carvalho Gomes; VILLAR, Rafaela Soares; GAUTÉRIO, Karina Rangel; PEREIRA, Mylena Graebner; FARIAS, Camila Peixoto; LUCZINSKI, Giovana Fagundes. Metodologias de pesquisa: uma reflexão a partir da pesquisa agora é que são elas. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 30., 2021, Pelotas, **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2021. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2021/CH_04442.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-82.

